



**DA EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL PARA A EDUCAÇÃO EXTRAESCOLAR:
QUEBRANDO OS MUROS DA ESCOLA**

Daniela Soares Menezes

Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL)

paixaodecristodanircc@hotmail.com

PALAVRAS- CHAVE: Educação Extraescolar, Não formal, Educandos , Social.

INTRODUÇÃO:

Este estudo tem como justificativa analisar o conceito etimológico e terminológico da educação não-formal e os aspectos históricos inerentes à sua conceitualização partindo do pressuposto da necessidade de reflexão e substituição deste termo por a terminologia : ExtraEscolar, pois acreditamos que esta se adequa melhor à concepção e finalidade desta modalidade educativa. Desta forma tem como objetivo levar o leitor ao conhecimento e reflexão acerca das modalidades educativas e suas especificidades no contexto educativo, evidenciando as ações educativas que extrapolam os muros da escola e que contribuem de forma significativa para a formação e desenvolvimento social dos sujeitos sociais, e fazem parte da modalidade educativa extraescolar.

1-1 A Etimologia do termo Educação

No sentido Etimológico “Educação” a partir de algumas traduções do latim significa, segundo Libâneo (2005): “Educare” (alimentar, cuidar, criar, referido tanto às plantas, aos animais, como às crianças), e “Educere” que quer dizer (extrair, tirar para fora de, conduzir para, desenvolver ou modificar um Estado.

De acordo com estes significados podemos constatar dois tipos de Educação: uma que se preocupa em repetições de cuidado na transmissão de conhecimentos e hábitos que sejam pertinentes a convivência social, desde infância até a fase adulta. É uma educação que conforme o autor supracitado enfatiza o que acontece internamente no sujeito.

Já o segundo termo, nos leva a entender que é uma educação que explora as potencialidades já existentes no educando, conduzindo-o para um desenvolvimento sócio-cognitivo aprimorando suas capacidades intelectuais, favorecendo a construção de um sujeito histórico, crítico, autônomo,

competente e transformador, supõe-se que tenha esta finalidade. Para BRANDÃO (2007), “esta educação enfatiza o que acontece da pessoa para fora, em direção à sociedade onde vive e de que se aprende”.

Na primeira concepção, LIBÂNEO (2005, p.73) afirma “que há uma tendência estrutural e funcionalista, um posicionamento conservador, pois a educação é vista como algo que se repete, que se reproduz, imutável”.

Neste sentido seria uma educação subjetiva voltada para a pessoa e não para coletivo, ou seja, a partir da formação individual haveria uma preparação para uma vivência coletiva, cujo conhecimento adquirido seria transmitido para as futuras gerações. Dessa forma manteria uma reprodução social e teria, portanto, uma função adaptadora, estática, passiva em meio uma sociedade cristalizada (LIBÂNEO 2005).

Mediante essa definição, podemos fazer uma analogia ao modelo tradicional de ensino que o considera como algo repetitivo, estático, onde não há um despertar crítico para uma efetiva transformação, mas adaptação a uma instrução que obrigatoriamente é repassado nas salas de aula por gerações, reproduzindo os saberes do interesse dominante. Quanto à segunda concepção BRANDÃO (2007, p.63), menciona que seria:

Uma atividade criadora, que visa a levar o ser humano a realizar as suas potencialidades físicas, morais, espirituais e intelectuais, não se reduz a fins utilitários, como uma profissão, nem para desenvolvimento de características parciais da personalidade, como um dom artístico, mas abrange o homem integral, em todos os aspectos de seu corpo e de sua alma, ou seja, em toda a extensão da vida sensível, espiritual, intelectual, moral, individual, doméstico e social, para elevá-la, regulá-la e aperfeiçoá-la. É processo contínuo que começa nas origens da vida humana e se estende até a morte.

1-1 Conhecendo as diferentes modalidades educativas, problematização da terminologia do conceito não-formal

As modalidades educativas são denominadas: formal, informal ou não-formal.

De acordo com Libâneo (2005), o processo educativo pode ser intencional ou não intencional, o primeiro abrange as modalidades formal e não-formal e no segundo restringe-se a informal. Esta formalização é questionável em virtude de que a educação informal possui de certa forma implicitamente um certo grau de intencionalidade. Antes de diferenciarmos essas modalidades educativas, conheceremos suas especificidades. Iniciaremos pelo seguinte questionamento: O que é educação formal? E por que tem esse conceito? A educação formal se restringiria apenas a educação escolar?



O termo “Formal” refere-se a tudo o que implica uma forma, isto é, algo inteligível, estruturado, o modo como algo se configura. Neste sentido a educação formal seria “aquela estruturada, organizada, intencionalmente sistemática.” (LIBÂNEO 2005, p.88).

Para Ghon (2008, p.98) “seria: educação escolar, formal, oficial, desenvolvida nas escolas, ministradas por entidades públicas ou privadas, é abordada como uma das formas de educação”.

Entendemos que, o termo formal determina uma forma específica de ser. Nesse sentido, a educação não – formal seria o oposto da formal? Não teria forma? Seria desorganizada, assistemática e não intencional?

Acreditamos com Garcia (2005), que não, o conceito não-formal é que se torna neste caso desapropriado para denominar esta modalidade educativa, uma vez que ela tem uma forma definida. A educação não-formal origina-se da formal, mas depende dela para exercer sua práxis.

O conceito de educação não-formal não está no conceito de educação formal. Apesar de possuir alguns entrelaçamentos com este, mas é outro conceito, que não diz o acontecimento da educação formal.

Neste sentido, entendemos que o intuito da educação extraescolar, não é negar à escolar, porém com sua prática diferenciada, colaborar com o desenvolvimento desta, dependendo da maneira, tempo, lugar que é concebida e os objetivos propostos.

Segundo Libâneo (2005, p. 89), “a educação extraescolar, são aquelas atividades com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente relações pedagógicas, mas não formalizadas”

Dentre estas atividades menciona:

Os movimentos sociais organizados na cidade e no campo, os trabalhos comunitários, atividades de animação cultural, os meios de comunicação social, os equipamentos urbanos culturais e de lazer (museus, cinemas, praças, área de recreação), bem como todas as atividades extraescolares que provêm conhecimentos complementares em conexão com a educação formal. (LIBÂNEO 2005, p. 89).

À escola tem de se abrir à sociedade e para seus problemas, não se proteger no nobre objetivo dos conteúdos instrutivos” (PETRUS 2003, p. 62 *apud* ARANTES 2008, p.79). Nesse sentido as ações educativas extraescolares contemplam atividades que favorecem o poder criativo, a autonomia e a liberdade propiciada pela flexibilidade da organização sistemáticas dos temas trabalhados nas organizações e projetos sociais, complementando à formação integral do educando, pois visa explorar suas potencialidades à partir da prática social.

“Um dos pressupostos básicos da educação não-formal e o de que aprendizagem se dá por meio da prática social (GHON, 2008, p.103).

Acreditamos que as ações extraescolares extrapolam os muros da escola, pois favorece a interação dos sujeitos educandos, uma vez que em sua organização sistemática prima por trabalhar ações significativas que falam sobre a vida e das relações sociais que permeiam o contexto social dos indivíduos.

METODOLOGIA:

O processo metodológico desta pesquisa consiste na revisão bibliográfica baseada em livros. Para Manzo (1971), a bibliografia pertinente “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente”. Desta forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Entendemos que o fenômeno da Educação ExtraEscolar precisa ser melhor aprofundado, pois há poucas pesquisas nesta área, e que esta terminologia segundo estes autores se encaixa melhor para sua funcionalidade no contexto social em que é realizada pois o contrário do que diz o nome tem forma e especificidade própria, que origina da educação escolar, mas segundo Garcia(2005, p.27), surge para atender as demandas extraescolares que a educação formal não consegue atender. Apesar de seus limites e desafios suas características tendem a aproximar a teoria dos conteúdos á pratica cotidiana, visando à formação emancipatória dos sujeitos sociais.

REFERÊNCIAS:

- ARANTES, Valéria Amorim (Org). **Educação Formal e Não-Formal: Pontos e Contra-pontos**. São Paulo: Summus, 2008.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação?** São Paulo: Brasiliense, 2007.
- GHON, Maria da Glória. **Educação Não-Formal e Cultura Política**. 3ºed. São Paulo: Cortez, 2008.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos para quê?** 8ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 5ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- PARK, Margaret Brandini; FERNANDES, Renata Siero. **Educação Não- Formal: Contextos, percursos e sujeitos**. Campinas: Setembro, 2005.